

Uma Outra História

Incursões acerca de experiências de educação das relações étnico-raciais

Maria Antônia Marçal*



Impedir que nossos alunos, em geral, e principalmente os alunos afro-descendentes conheçam sua linhagem histórica, a história dos seus ancestrais significa na contemporaneidade alimentar estereótipos, seguir na contramão da valorização das identidades.

“Transformar as coisas não é fazer nada de novo; é tomar as mesmas coisas e organizá-las de outra forma. A mudança surge quando decidimos organizar as velhas coisas de outra maneira, com outras finalidades, outros propósitos.”¹



Educação das Relações étnico-raciais tem se colocado nos últimos anos como um grande desafio para os educadores e a sociedade como um todo. Ao mesmo tempo em que essas discussões vicejam entre os intelectuais que estudam essa temática, este novo olhar para a educação tem propiciado movimentos significativos entre os professores no processo de implementação da lei 10.639/03 no espaço escolar. Destaco aqui, a iniciativa de duas professoras da Rede Estadual de Educação do Paraná que tomadas pela curiosidade epistemológica, como assinala Paulo Freire, constituíram de forma autônoma um grupo de discussão, de reflexão, de estudo sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Esta jornada teve início com a elaboração de um projeto de extensão com a Universidade Federal do Paraná, localizada em Curitiba.

Este projeto me seduziu enquanto pesquisadora e me entusiasmou enquanto professora. Para este grupo ministrei uma palestra intitulada sobre Um olhar sobre as Mulheres nas Sociedades Africanas e no Brasil Escravista. Estabeleci um diálogo com as diferentes áreas do conhecimento, minha fala teve como ponto de partida a historiografia sobre as mulheres escravizadas e as formas de resistência por elas engendradas no processo de luta pela liberdade. A mulher como protagonista é um olhar pouco explorado pelos livros didáticos de História e um saber restrito aos circuitos acadêmicos. O silêncio evidenciado nas ações desses sujeitos, negros escravizados, impossibilita aos educandos a percepção da História enquanto ação de diferentes sujeitos. E mais, nega aos educandos o conhecimento de sua história. Ao trazer a mulher para o plano central dá-se visibilidade àqueles sujeitos cuja historicidade fora invisibilizada. Esta abordagem permite o *empoderamento* de sujeitos outrora concebidos como objetos de troca e venda, como seres sem vida.

¹ ROCHA, 2007, p. 65.

Estendemos nosso olhar para pensarmos a Educação das Relações étnico-raciais a partir do conceito de “linhagem histórica” análise proposta por Elena Andrei (ANDREI, 2007, p.8). Para esta autora, a identidade e, logo, o sentimento de pertença está relacionado às memórias de nosso passado. Sendo Assim, a Educação das Relações Étnico-raciais cumpre um papel de fundamental importância na memória coletiva e individual de nossos alunos, sobretudo, alunos afro-descendentes. A negação da historicidade da população negra invisibilizou-a durante muitos anos e talvez possamos asseverar que fez diluir a denominada linhagem histórica deste grupo étnico ligando à sua memória a um único acontecimento histórico, a escravidão negra. A naturalização dessa condição no imaginário coletivo forjou o binômio negro-escravo. Assim, negar sua historicidade, apagar sua memória e silenciar suas ações de resistência serviram de base para o fortalecimento de ideologias de superioridade e inferioridade racial. Pode-se assinalar que, o século XIX testemunhou o surgimento de ideologias fundamentadas na questão racial, salientando a superioridade dos europeus em relação à outros povos, sobretudo aos africanos. Este conjunto de idéias acrescido da relação estabelecida entre senhores e escravizados, durante a existência da escravidão negra no Brasil, fez sedimentar na memória coletiva a cultura do silêncio, o racismo velado, bem como, a supervalorização de um grupo étnico: o branco.

Desta forma, impedir que nossos alunos, em geral, e principalmente os alunos afro-descendentes conheçam sua linhagem histórica, a história dos seus ancestrais significa na contemporaneidade alimentar estereótipos, seguir na contramão da valorização das identidades.

As reflexões sobre linhagem histórica e Educação das Relações Étnico-Raciais desembocaram na elaboração de um Plano Pedagógico de Ação na escola. Esse plano integra um movimento coletivo dentro da escola, não sendo visto como tarefa de uma ou outra disciplina. Rosa Margarida de Carvalho (2007, p.64 -73) salienta que, a escola deve organizar estratégias de ação para trabalhar de forma pedagógica com questões latentes no cotidiano escolar como a discriminação racial, por exemplo. Para tanto, é necessário a reflexão coletiva de professores, pais e funcionários para que a escola não seja um espaço excludente, mas integrador, onde as diferenças não sejam apagadas ou solapadas mais reconhecidas. Dessa forma, trabalhar com a Educação das Relações Étnico-raciais significa romper com

um modelo de conhecimento eurocêntrico. Significa valorizar o conhecimento de outros povos, como o saber dos africanos, por exemplo. Destarte, as aulas de História ganham vida quando os alunos começam a perceber a ação dos sujeitos: homens, mulheres, crianças, entre outros. O processo de luta dos africanos escravizados pela liberdade deve espalhar-se no espaço escolar, como uma forma de ressignificar a representação do negro dentro da sociedade brasileira.

As demais áreas do conhecimento necessitam rever seus pressupostos teórico-metodológicos de modo que possam atender aos pressupostos dessa lei. Na matemática, é preciso revisitar Angola e tomar os desenhos geométricos dos povos denominados quíocos como objeto de conhecimento e aprendizagem. Os professores de Ciências, Biologia e Química precisam incorporar em suas aulas o conhecimento das comunidades tradicionais (indígena e africana) no que diz respeito às ervas medicinais e práticas culturais religiosas problematizar junto aos alunos a origem do homem, surgido na África, bem como, conceitos como raça e etnia. Na Língua Portuguesa, é importante destacar a importância dos griots, contadores de histórias, dentro das sociedades africanas, considerados guardiões das memórias da comunidade. É interessante destacar ainda que, a Literatura infanto-juvenil tem produzido obras diversas destacando as relações étnico-raciais retratando a cultura das crianças em determinados lugares da África. Destaco aqui a obra “Comedores de Palavras” de Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Edimilson de Almeida Pereira. Esta obra retrata a vida de um *griot* na África que acompanhado por seu filho percorriam longas distâncias contando histórias. A narrativa se desenvolve a partir de um drama a morte do *griot* que deixa a seu filho o tambor e a arte de contar histórias.

Na Geografia pode-se, por exemplo, valorizar as práticas culturais da população afro-brasileira utilizando como metodologia de análise a realização de uma Cartografia das comunidades quilombolas, na qual é possível delinear aspectos históricos importantes na constituição daquela comunidade levantando questões como: homem, território, tempo e identidade. É importante salientar que este trabalho é realizado com a comunidade através de uma pesquisa de campo. Destaca-se ainda, as representações culturais, como a Congada, por exemplo, como objeto deste olhar para as práticas culturais desenvolvidas pelo homem no tempo e num espaço.

Contudo, não se pretende indicar fórmulas ou receitas, mas apresentar algumas possibilidades de trabalho com essa temática em sala de aula. Cada professor conhecedor de sua área de conhecimento poderá indicar atividades diversas na abordagem desse assunto em sala de aula. Entretanto, é imprescindível a participação da escola na proposição de ações para a implementação da Lei 10.639/03. Essa nova visão deve modificar as relações sociais étnicas no interior da escola, não se constituindo como uma ação isolada, mas coletiva e embasada num Plano de Ação Pedagógico para que professores alunos e demais funcionários possam problematizar estereótipos e práticas preconceituosas no espaço escolar.

PARA SABER MAIS:



ANDREI, Elena Maria (org.). A construção de uma linhagem. **In: Cultura Afro-Brasileira: civilizações africanas.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. (Caderno Uniafro, volume 3);

BÁ, Hampate. **Introdução à cultura africana.** Lisboa: Edições 70, 1977.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra.** Publicações Europa-América, 1972.

OLIVEIRA, Patrícia Porto. **Desfazendo a Maldição de Cam por Meio de Assentos de Batismos de Escravos Adultos da Matriz do Pilar de Ouro Preto (1712-1750).**

PEREIRA, Edimilson de Almeida & ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Os comedores de palavras.** Belo Horizonte Mazza Edições, 2004.

PRIORE, Mary Del. VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica.** Rio de Janeiro; Elsevier, 2004.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das Relações Étnico-Raciais: pensando os referenciais para a organização da prática pedagógica.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SILVA, Lúcia Helena de Oliveira. A Escravidão dos Povos Africanos: a luta das mulheres escravizadas. **In:Cultura Afro-Brasileira: civilizações africanas.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 20 07. (Caderno Uniafro, volume 3).



* **Maria Antonia Marçal** é Mestre em Educação, professora de História do Ensino Fundamental e Médio na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Brasil.

E-mail: ariammarcal@yahoo.com.br